

QUINTETO



Andre Penner/AP/10.10.05



Ivan Sekretarev/AP/1.3.06

ESPORTES



Michael Sohn/AP/22.6.05



Sergey Ponomarev/AP/1.3.06



Sílvia Izquierdo/AP/7.10.05

OS MALABARISMOS DE RONALDINHO GAÚCHO SEMPRE LHE GARANTIAM A VAGA DE TITULAR. AOS 8 ANOS, ENFRENTAVA MENINOS MUITO MAIORES, EM QUALQUER LUGAR: QUADRA, CAMPO, AREIA, RUA...

ARTISTA DA BOLA

JOSÉ CRUZ

ENVIADO ESPECIAL

Porto Alegre — Durante viagem ao interior do estado para uma disputa de futsal, o time do New Kids hospedou-se em um hotel. Perto da meia-noite, a algarra corria solta. O hoje médico Augusto Bandeira de Mello, um dos responsáveis pela equipe, decidiu colocar ordem naquela bagunça e lá se foi para o quarto do barulho.

“Que surpresa!”, recorda, ainda emocionado com o que encontrou. Ronaldinho estava deitado na cama, com a cabeça apoiada sobre as mãos. Pernas cruzadas, ele fazia embaixadinhas, sorrindo, como sempre, enquanto os companheiros contavam alto: 212, 213, 214... A vibração era inevitável, pois se tratava da arte de um menino de apenas 8 anos de idade.

“Ele simplesmente desafiava os outros com a bola nos pés. Criava sempre. Era impossível contê-lo”, recorda Augusto de Mello, que tinha dois filhos, Renato e Marcelo, no New Kids. Daquele grupo, só Ronaldinho se profissionalizou no futebol. Marcelo é engenheiro e Renato está se formando em medicina. No clipping que a Nike divulga pela televisão, Ronaldinho aparece, ainda menino, com essa mesma turma do New Kids. “Era um tempo muito bom”, emociona-se Augusto.

Parceria

Desde os 6 anos de idade, Ronaldinho jogava de tudo: na rua, futsal, areia, campo, society. Até dentro de casa, driblando mesas e cadeiras. Às vezes, era acompanhado pelo cachorro Bombom, outro amigo do peito. Hoje, em Barcelona, Ronaldinho tem outro cachorro de nome incomum: Bola.

A parceria com a bola, porém, chamava a atenção desde cedo. Quando acordava, lá vinha ele com a inseparável companheira embaixo do braço ou já fazendo embaixadinhas pela casa.

Certa vez, faltou um jogador para fechar o time do bairro Guarujá, que enfrentaria a turma da Rua Araranguá, às margens do Rio Guaíba. “Tem um guri ali que joga direitinho”, arriscou um parceiro, indicando Ronaldinho, à beira do gramado. Tinha 8 anos, pequeno e franzino para jogar com os marmanjos de 12, 13, 14 anos.



RONALDO DOS SANTOS, COM A MULHER, A “TIA BETI”: “TODOS QUERIAM JOGAR COM RONALDINHO”

Mas, na falta de um, vem tu mesmo...

“Era um timezinho lá da zona, coisa de piá”, lembra Ronaldo Eli Pereira dos Santos, cheio de gauchês — “zona” é bairro e “piá” significa garoto ou guri, outra expressão muito usada no Rio Grande do Sul. “Quando meu filho (Tales) chegou em casa, me contou que estava maravilhado com o desempenho do tal guri que jogava direitinho”, conta Ronaldo, há dois anos longe das funções do futebol.

“Ele simplesmente jogou muito, sem medo e já fazia coisas com a bola que ninguém acreditava. Todos ficaram impressionados”, descreve Tales, que jogou contra Ronaldinho, mas nem lembra mais o placar.

Pouco tempo depois, ficou-se sabendo que aquele jovem fenômeno que começava a se formar vinha de uma escola de talentos: era irmão de Assis, já nos juvenis do Grêmio, filho de João, que sabia tudo de bola. Por isso, não era de se estranhar que o garoto não reclamasse de nada. Seu negócio era jogar bola, se divertir. E a alegria continuava até quando tinha que calçar chuteira emprestada, maior que o seu pé. Ainda assim dava show.

Jogar ao lado de Ronaldinho era importante. Ficar fora de seu time era um problema para os adversários. “Todos queriam jogar com ele. Perdia-se um tempo enorme dividindo-se as equipes, porque todos os guris já sabiam que enfrentá-lo era derrota na certa”, conta Ronaldo dos

Santos, que vai se lembrando de histórias e mais histórias, sem parar.

Amizade

Nessa época, Ronaldinho passava boa parte do dia na companhia de amigos. Do futebol, claro. O pai, João, e a mãe, Miguelina, trabalhavam. A irmã, Deize, estudava e Roberto Assis tinha tempo integral dedicado ao Grêmio. “Como se tornou amigo de meus filhos, Ronaldinho vinha seguidamente aqui para casa, que era perto da sua. Ele se acomodava por até uma semana”, revela Ronaldo dos Santos, que, à época, treinava times de base do Grêmio. Essa aproximação fez dele uma espécie de segundo pai do garoto. Sua mulher, Beti, virou a “tia” querida.

A amizade foi tanta, que a “Tia Beti” tornou-se professora de reforço escolar de Ronaldo. “Ele, de fato, não queria nada com os livros. Era disperso e seu pensamento estava sempre voltado para o futebol”, afirma a professora das horas de emergência.

Essa certeza ela teve confirmada pelo próprio jogador, já astro mundial. Em seu último encontro, em Porto Alegre, abraçado a Beti, ele revelou: “Tia, vou ser sincero: gosto muito da senhora, mas aquelas aulas eram uma chatice...” A risada de Beti, agarrada a um livro de autor espanhol sobre a vida do craque, é acompanhada por um impressionante olhar que mistura saudade e felicidade. Saudades daquele tempo, confessa, quando se deliciava com os malabarismos de Ronaldinho. “Era coisa de se pagar. Dava gosto vê-lo até treinando”

O VACILO DO MANCHESTER

Porto Alegre — A reunião com a diretoria do Manchester United seria decisiva. Para aquela tarde de inverno inglês, em fins de 2002, estava marcada a leitura do contrato que vincularia Ronaldinho Gaúcho ao seu novo time, depois de encerrado o compromisso com o Paris Saint-Germain, iniciado em 2001.

Porém, três milhões de euros a menos do que havia sido previamente acertado adiaram por 24 horas o fechamento de um contrato cujo total é segredo profissional. Nesse pequeno espaço de tempo, dirigentes do Barcelona entraram em contato com Assis, procurador de Ronaldinho, apresentando proposta irrecusável. Assim, do dia para a noite, o craque trocou o time inglês pelo valorizadíssimo futebol espanhol.

“Imagine o Alex Ferguson, técnico do Manchester, em que situação ele ficou, vindo que perdeu um craque desse nível, duas vezes eleito o melhor do mundo (2004 e 2005)”, comenta Ronaldo Eli Pereira dos Santos, cujo filho, Tales, jogou na infância com Ronaldinho Gaúcho.

Os dois conhecem o craque desde os tempos de peladas no bairro Guarujá, pertinho do Rio Guaíba. Por conta dessa amizade, Tales, um advogado de 30 anos, tornou-se profissional de confiança de Ronaldinho para assuntos de marketing. Ele não divulga os detalhes sobre aquela negociação que envolveu dois dos mais ricos times do mundo.

Discreto em suas observações, ele garante que foram outros motivos que levaram o craque para a Espanha, ao contrário das informações que a reportagem do *Correio* obteve. “O clima, a proximidade da praia, o tipo de futebol que se disputa na Espanha, o idioma, enfim, tudo isso contribuiu para que Ronaldinho se decidisse por jogar no Barcelona”, garante.

A maior visibilidade do futebol espanhol na mídia internacional também ajudou na tomada de decisão. E, com a ida para o Barcelona, Ronaldinho seria mais um craque brasileiro que chegaria àquele valorizado centro, por onde já haviam desfilado Rivaldo, Romário e Ronaldo Fenômeno, entre outros.

Ilustre desconhecido

Definida a transação com o time espanhol, Ronaldinho viajou para Barcelona, acompanhado por Tales. Mas, logo na chegada, um problema: o luxuoso hotel onde a dupla se hospedou não tinha jogos de videogame, uma das paixões do jogador. Ronaldinho decidiu sair para comprar um aparelho na loja mais próxima, no centro da bela capital da Catalunha.

Tales relembra: “Ele argumentou que ninguém o conhecia por lá e que nem sabiam que estava na cidade para negociar contrato. Assim, colocou óculos escuros, enfiou na cabeça um boné de pescador e foi para a loja. Eu, totalmente desconhecido de todos, ao seu lado”.

Mas, surpresa! Na primeira esquina, um fanático reconheceu o craque e começou a correria. Escudado por Tales, Ronaldinho voltou voando para o hotel. A partir dali, tomou consciência de que já era impossível circular à vontade pelas ruas. Sua fama começava a ganhar o mundo, limitando a movimentação em público. Logo ele, alegre e festeiro.

Atleta da Nike desde os 16 anos de idade, quando era juvenil, no Grêmio, Ronaldinho Gaúcho tem compromissos com essa multinacional de material esportivo: conceder 1.500 autógrafos mensais em cartões, fotos, pôsteres e exposições de que participa.

“Quando Ronaldinho chega a Porto Alegre, ele vai logo avisando à família para o pouparem dos pedidos de autógrafos. No Sul, ele quer mesmo é descansar e se juntar com os amigos de pagode”, afirma Ronaldo dos Santos.

Numa dessas visitas ao Sul, Ronaldinho tentou ir à rua Marquês de Maricá, na Vila Nova, onde ainda mora uma de suas 11 tias, dona Conceição Assis. Nessa rua sem saída e de pouco movimento de carros, ele jogou bola muitas vezes com o amigo Tinga, ex-Grêmio, atualmente meia do Internacional, de Porto Alegre.

“Foi impossível trazer o Ronaldinho aqui. Estava tudo preparado para ele voltar a um espaço de suas origens, mas a rua ficou lotada. Veio tanta gente, tanta gente, que ele não teve condições de chegar nem à entrada da rua”, conta dona Conceição, uma fanática torcedora... colorada. (JC)

Memória

1980

Arquivo Pessoal



Nasce, em Porto Alegre, Ronald de Assis Moreira, filho de João da Silva Moreira e Miguelina Elói Assis Moreira. Na foto, o futuro craque tinha 3 meses de idade

Ronaldo de Oliveira/CB



A primeira casa em que morou Ronaldinho fica na rua Jerolomo Minuzza, nº 73, bairro Vila Nova, Zona Sul de Porto Alegre. Atualmente, está vazia

1988

Arquivo Pessoal



Família reunida: João da Silva Moreira, com a faixa do Grêmio, ao lado da mulher, Miguelina, e do filho, Assis (que conquistara o tetracampeonato gaúcho), abraçado a Ronaldinho. À esquerda, Deisy, filha do casal

1989

Arquivo Pessoal



Jogador do infanto-juvenil do Grêmio, o irmão mais novo posa ao lado de Assis, titular do tricolor gaúcho. Pelo nível de seu futebol, Ronaldinho sempre atuava em equipes um ano acima de sua idade. Viria a sagrar-se campeão gaúcho profissional, em 1999